

Da oralidade à escrita: o que nos diz *O Jovem Caçador e a Velha Dentuça*

From orality to writing: what it tell us *O jovem caçador e a velha dentuça*

Eduardo Quive¹

¹ Jornalista e escritor. Fundador e Director da Revista Literatas. Autor do livro de poesia “Lágrimas da Vida Sorriso da Morte” (Fundac, 2012) e coautor da obra “Brasil e África: Laços Poéticos” (Editora das Letras, 2013). Está envolvido na produção e curadoria de diversos projectos culturais e literários em Moçambique, entre eles como assessor editorial da Ethale Publishing e na coordenação da Semana das Artes. Vive na cidade da Matola, província de Maputo, Moçambique.

RESUMO (RESENHA): MANJATE, Lucílio. O jovem caçador e a velha dentuça. Ilustrações de Brunna Mancuso. Série vozes da África. São Paulo: Kapulana, 2016.

ABSTRACT (REVIEW): MANJATE, Lucílio. O jovem caçador e a velha dentuça. Illustration by Brunna Mancuso. Voices of Africa collection. São Paulo: Kapulana, 2016.

PALAVRAS-CHAVE: Lucílio Manjate; tradução; oralidade; literatura infantil e juvenil.

KEYWORDS: Lucílio Manjate; translation; orality; children's and youth literature.

A tradução², para não dizer transcrição das histórias contadas nas noites, sentados em círculo com uma fogueira, um antigo hábito da tradição africana, onde falar é como autenticar os saberes, é quase o que se lê em maioria das obras do estilo infanto-juvenil do nosso continente, como também se pode notar em muitas das obras da coleção Vozes da África, da editora Kapulana. Em Moçambique, o ditado “ouvir dizer não se escreve” aplica-se no contrário: ouvir dizer escreve-se e reescreve-se: eis o exemplo em *O Jovem Caçador e a Velha Dentuça*, de Lucílio Manjate com ilustrações de Brunna Mancuso (2016).

Porém, não é apenas a tradução pura e simples. É uma recriação de um texto oral, um recontar com as marcas e estilo do autor, utilizando expressivos recursos de linguagem, existentes também na oralidade, mas que no texto escrito são ampliados e reconstruídos de forma literária. Lembramos que a história foi contada ao escritor por sua mãe, a cuja memória ele dedica o livro. Assim, pode compreender-se que o contexto urbano que vive o autor faça-se presente na forma como conta a história, ciente de que o público leitor, maioritariamente desse espaço, teria de colocar-se a imaginar o enredo, o que com as ilustrações vem a fazer uma combinação perfeita.

Essa obra é o retrato da riqueza cultural moçambicana, mas também do que constitui uma forma de ser e estar, dos princípios de vida, das lições que se pretendem transmitir, narrando e cantando, mas sempre fazendo crescer o imaginário das crianças e passando o testemunho das tradições de geração em geração, na informalidade e intimidade da noite.

Ao contar uma história com personagens revestidos de simplicidade de vida, como um caçador, à imagem do quotidiano humilde, rural, que até hoje persiste na paisagem moçambicana, colocando animais em ação e o conflito entre o mal e o bem, que por hábito atraem leitores de palmo e meio.

Por esse caminho, o escritor moçambicano Lucílio Manjate, que não é tipicamente um autor de literatura infantil e juvenil, consegue com a mestria do género bastante exigente,

2 Tradução aqui têm os seguintes sentidos: o de transcrição das narrativas orais; o de recriação (no sentido de apropriação do oral pelo escrito com marcas de autoria) e o de transcrição (a partir da ideia do tradutor como recriador, de Ezra Pound); e o de tradução de uma língua tradicional de Moçambique para o português. (Nota dos Editores).

construir um mundo mágico, um conflito que convença os mais pequenos, mas também que inspire, cumpriu um papel não só como escritor, mas ajudando a transcrever as ricas estórias que vão passando de boca em boca sempre com a tendência de acréscimo de conteúdo.

O texto traz para a leitura, um jovem que reconhece a sua maturidade e para alcançar o seu grande objetivo de vida é capaz de enfrentar o maior risco que se pode correr: o de perder a sua própria vida. Há uma transmissão de valores de humanização, de luta e busca por ideais que colocam um maior valor à nossa condição de viventes, típico das heranças culturais que colocam sempre o maior desafio de crescimento para não só convencer a sociedade do seu crescimento, mas honrar a família.

O discurso que dá ao pai e a mãe do Jovem Caçador nos conselhos que lhe dão quando decide enfrentar a grande floresta, coloca a mulher, a mãe do Caçador, num papel importante, por um lado, na educação do filho, e por outro, o de zelar pela sua vida, afinal ao entrar nessa floresta, o único lugar onde habitam belas e sábias donzelas, e por isso, com intenção de casá-las, os homens nunca saem vivos, uma vez que a Velha Dentuça arranca-lhes o coração.

As mulheres, apesar dos homens chefiarem as famílias em sociedades tradicionais, são realmente a alma das famílias, pois apesar de não concordarem com as acções dos filhos, têm de dar-lhes os ensinamentos para enfrentar a vida, seja ela quão difícil for.

Mas os valores dessa obra ainda crescem quando o autor decide atribuir nomes com um significado numa das línguas moçambicanas, neste caso o xi-changana ou então o xi-ronga, ambas faladas nas províncias de Maputo e Gaza, sul de Moçambique. Dumba, quer dizer “Confia”, Luma “Morde”, Kula “Cresce”. E Lucílio Manjate pautou por tratar-lhes assim, colocando o significado dos nomes na acção desses personagens que são, na verdade, os que salvam o seu companheiro, o jovem Caçador, das armadilhas da Velha Dentuça.

Os cães, chamados melhor amigo do homem, e mais ainda de um caçador, são os heróis desta história. Mas diria mais: numa interpretação mais profunda, quem salva o Jovem Caçador é a sua mãe, quem o aconselhou a levar os seus cães e ainda mais, pediu aos seus antepassados que o amparassem durante essa aventura, quão significado estes seres para além de nós tem no quotidiano dos vivos, segundo as nossas crenças.

A mãe, os cães, os antepassados são os maiores protagonistas para mudar a história desse lugar em que os homens nunca saíam vivos. E contados com essa mestria, a riqueza da

oralidade moçambicana, mas com grande mérito dos contadores desta estória, no caso, Lucílio Manjate o autor do texto e Brunna Mancuso, a ilustradora, esta última que soube representar como vivente desse mundo fantástico contado em livro.

A aposta em contar histórias de outro lugar, de Moçambique para o Brasil, há o risco de as diferenças culturais, sobretudo do tradicional, como sugerem os enredos destas histórias e até as palavras, os nomes dos lugares, perturbarem o leitor brasileiro, facto que já vem acautelado, ao colocar de forma criativa e quase intervalado com os momentos mais animados do conto o que ao invés de constituir um entrave, é antes mais um desafio para quem lê. Notar que uma edição brasileira de um conto moçambicano não altera em nada o contexto local da história, deve ser celebrado, como um contributo para que se conheçam as culturas como realmente são através do mundo mágico.

Referência Bibliográfica

MANJATE, Lucílio. *O jovem caçador e a velha dentuça*. Ilustrações de Bunna Mancuso. Série Vozes da África. São Paulo: Kapulana, 2016